

Cronista visual da história

MOSTRA REÚNE AQUARELAS, desenhos e objetos do artista e arquiteto José Lutzenberger

LUIZA PIFFERO

luiza.piffero@zerohora.com.br

Alguns de nós passam pelas obras de José Lutzenberger (1882 – 1951) todos os dias. A Igreja São José (Alberto Bins), o Palácio do Comércio (Largo Visconde do Cairú, 17) e o Orfanato Pão dos Pobres (Rua da República, 801), todos localizados em Porto Alegre, levam sua assinatura de arquiteto, como outros edifícios que mantêm o passado presente na Capital e no Interior. Suas aquarelas são mais difíceis de encontrar, mas também são resquícios da primeira metade do século 20. Numa escala bem menor, registram e comentam os dramas do dia a dia de sua época. A mostra *A voz das cores* é uma oportunidade para vê-las.

Em cartaz até 24 de fevereiro, a exposição comemora os três anos da transferência da Pinacoteca Ruben Berta para o belo casarão do século 19 no número 973 da Rua Duque de Caxias. Suas três salas estão ocupadas com cerca de 40 itens, entre aquarelas, desenhos e objetos pessoais de Lutzenberger garimpados nos acervos da Fundação, do Margs e da família do artista.

Produzidas entre as décadas de 1920 e 1940, as aquarelas trazem cenas do cotidiano. Uma delas revela um senhor com os pés abaixo d'água em plena enchente de 1941. Outra retrata homens dançando na rua vestidos de mulher, antigo costume carnavalesco. Um conjunto de outras 20 ilustra a vida de imigrantes alemães na Serra.

– Ele é um cronista que, ao invés da escrita, usava o pincel e o lápis. Registrava tudo na memória e depois desenhava com precisão – define a curadora e coordena-

dora de artes visuais de Porto Alegre, Lou Borghetti. – Ao mesmo tempo, não são aquarelas inocentes. Elas comunicam um momento histórico e fecundo e com um senso de humor fantástico.

Nascido na cidade de Altoettg, na Alemanha, Lutzenberger chegou a Porto Alegre em 1920, aos 38 anos. Dedicou-se à arquitetura e mais tarde, a partir de 1938, à docência no Instituto de Belas Artes da UFRGS, como professor de Geometria Descritiva, Perspectiva e Sombras. Em paralelo, sempre desenhou e pintou por prazer, até mesmo durante o período em que serviu na I Guerra Mundial. Mas recusava a denominação de artista, esquivava-se de exposições e apenas assinava o nome completo nos projetos arquitetônicos. Com o tempo, as obras acabaram falando mais alto do que o próprio autor, que é hoje considerado um dos grandes aquarelistas do Estado.

Para Lou Borghetti, o reconhecimento a Lutzenberger como artista permanece aquém da fama como arquiteto e um dos motivos seria sua escala pequena que, no entanto, demanda bastante do observador.

– É tudo pequeno na mostra, você pode olhar rapidamente e ir embora. Mas é preciso se demorar na frente do trabalho, que é intimista e requer atenção e vontade.

A curadora afirma que a riqueza das aquarelas está nos detalhes. Para ajudar os visitantes a enxergá-los em obras de apenas 20 cm x 20 cm, ou até menos, o museu disponibilizará três lupas. E há dois trabalhos que foram ampliados.

– Na aquarela da enchente de 1941, há um senhor andando com um jornal que diz “Auxílio total ao Rio Grande”. Se você aumentar, consegue ler tudo no tal jornal.



Aquarela mostra cena de Porto Alegre durante a histórica enchente registrada em 1941

A VOZ DAS CORES – AQUARELAS DE JOSÉ LUTZENBERGER

Pinacoteca Ruben Berta

(Rua Duque de Caxias, 973), centro de Porto Alegre. Fone: (51) 3289-8292.

Visitação de segundas a sextas-feiras, das 10h às 18h, até 24 de fevereiro.

A exposição: com cerca de 40 itens, entre desenhos, aquarelas e objetos, a mostra apresenta a obra artística do arquiteto José Lutzenberger (1882 – 1951). **Entrada franca.**

MELHORES DO ANO

Açorianos consagra Fábio Del Re

Foram conhecidos ontem os vencedores do 10º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, concedido pela Secretaria da Cultura de Porto Alegre. O fotógrafo Fábio Del Re levou o principal troféu, de artista destaque especial do ano, pela exposição *Série Morandi*, que também lhe rendeu o destaque em fotografia. A cerimônia, realizada no Teatro Renascença, destacou artistas e instituições que marcaram o cenário artístico da Capital entre outubro de 2015 e setembro de 2016. O tema da noite foi Simões Lopes Neto (1865 – 1916) ilustrado por Nelson Boeira Faedrich, em reconhecimento ao centenário da morte do autor. A artista homenageada foi a ceramista Marianita Linck.

OS VENCEDORES

Artista destaque especial do ano: Fábio Del Re, exposição *Série Morandi* – Espaço Cultural da ESPM-Sul.

Melhor exposição individual: Carlos Pasquetti, exposição *Doralice coleção +5!* – Pinacoteca Ruben Berta.

Melhor exposição coletiva: Eduardo Haesbaert, Fábio Zimbres e Gelson Radaelli, exposição *A casa do desenho* – Museu do Trabalho.

Artista revelação: David Ceccon, exposição *Poder. Amar.* – Fotogaleria Virgílio Calegari | Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI).

Prêmio incentivo à produção plástica: Cláudia Hamerski, exposição *Topofilias* – Salas Negras Margs.

Prêmio Especial do Júri: Santander Cultural, pelos 15 anos de atividades.

Destaque em pintura:

Raquel Magalhães, exposição *Asfixiando um búfalo* – Projeto RS Contemporâneo | Santander Cultural.

Escultura ou projeto tridimensional: Mailson Fantinel, exposição *O mal educado* – Acervo Independente.

Gravura: David Ceccon, exposição *Poder. Amar.* – IEAVI.

Fotografia: Fábio Del Re, exposição *Série Morandi*.

Desenho: Cláudia Hamerski, exposição *Topofilias* – Salas Negras Margs.

Cerâmica: Fernanda Puricelli, exposição *Reminiscências* – Sala da Fonte | Paço dos Açorianos.

Mídias tecnológicas: Bruno Borne, exposição *A E O* – Galeria Mamute.

Projeto alternativo de produção plástica – Livro *Interferido II* (Arte Contexto e Grupo de Pesquisa Arte Impressa UFSM).

Curadoria de exposição: Paula Ramos, exposição *Modernidade impressa: Artistas Ilustradores da Livraria do Globo* – Margs.

Textos, catálogos e livros publicados: *Modernidade impressa: Artistas Ilustradores da Livraria do Globo*.

Acervo e memória: Maria Lucia Cattani, exposição *Gestos e repetições* – Pinacoteca Barão de Santo Angelo.

Espaço institucional, público ou privado, de divulgação artística: Galeria Peninsula.

Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas: Instituto Goethe.

Instalação: Daniel Escobar, exposição *Coleção particular* – Galeria Gestual.

Performance: *Os teóricos Artrópodes: Metodologias e práticas de pesquisa em campo avançado* (ou *uma noite na Ilha dos Museus*) – Galeria Ecarta.



LUÍS AUGUSTO FISCHER

fischer@uol.com.br

AS FUNDAÇÕES, NÃO A AFUNDAÇÃO

Lamento o recurso ao trocadilho, mas é o que me ocorre para penetrar na selva do assunto: este texto se soma aos vários pedidos correntes pela NÃO extinção das fundações estaduais de Cultura, Tecnologia e Ciência, propostas pelo pacote do governador.

Está na mão dos deputados estaduais agora o tema, porque Sartori, depois de dois anos completos de governo, nos quais pouco fez, resolveu apresentar sua alternativa para a crise do estado: a extinção da TVE, da FM Cultura, da FEE, da Fundação Zoobotânica, da Fepagro e outras, como condição sine qua non para tirar o Estado do atoleiro.

Muita gente mais competente que eu mostrou que a poupança é muito pequena, algo como 0,4% do orçamento. Na mão oposta, uma inteligente voz liberal do Estado lembrou que na crise todas as economias são relevantes, em qualquer escala; eu gostaria de concordar, mas não posso. Sem ir mais longe, porque não temos visto o mesmo empenho do governo do Estado em economizar noutros gastos, como por exemplo a publicidade do governo, que serve para quase nada relevante.

E, a rigor, essa suposta economia não é verificável se a conta for menos acanhada. Por favor, senhores deputados, não aceitem como limite último essa conta trivial de soma e diminuição elementares, porque Cultura e Ciência valem muito mais do aquilo que se paga por elas.

Extinguindo a FEE, por exemplo, o governo do Estado, o parlamento, as prefeituras e entidades de classe compararão pesquisa de PIB, emprego e renda de quem? E com que dinheiro? Sem a FZB, como se fará a guarda dos materiais do Museu de História Natural e de todo o imenso repertório vegetal pelo qual ela zela? Sem a TVE e a FM Cultura, onde é que as carreiras de cantores, músicos, escritores, artistas visuais – de todos os cantos do Estado – vão ser divulgadas, processadas e ganhar o ouvido e o olho do público, formando essa sutil corrente de inteligência e sensibilidade que é a cultura?

Caros deputados: não aceitem essa economia de araque que é na verdade uma automutilação, uma renegação de tarefas fortes do Estado (não deste ou daquele governo), mediante essas fundações, que já provaram sua relevância e ainda vão nos ajudar muito, se vocês agirem certo.